

As propostas de ensino de Anísio Teixeira e os projetos de José de Souza Reis para a arquitetura escolar de Brasília

Ricardo de S. ROCHA*

*Doutor (FAU/USP 2006), Professor Adjunto FAU/UFPel

R. Benjamin Constant , Porto, Pelotas - RS
rdsr8@hotmail.com

Resumo

Este trabalho propõe-se a analisar como as propostas de ensino de Anísio Teixeira concorreram para a materialização da arquitetura escolar de Brasília, especificamente, através de duas obras do arquiteto José de Souza Reis: a Escola-Parque 307-308 Sul (c. 1958) e o Centro de Educação Média “Elefante Branco” (c. 1959).

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna, Arquitetura Escolar, Brasília, José de Souza Reis, Anísio Teixeira

Abstract

This work attempts to discuss how the educational theories of Anísio Teixeira influenced the educational architecture of Brasília, through two works of José de Souza Reis: the Park School 307-308 (1958) and the “White Elephant” Centre of Intermediate Education (1959).

Key words: Modern Architecture, Educational Architecture, Brasília, José de Souza Reis, Anísio Teixeira

1. Introdução

Este trabalho propõe-se a analisar como as propostas de ensino de Anísio Teixeira concorreram para a materialização da arquitetura escolar de Brasília, especificamente, através de duas obras do arquiteto José de Souza Reis: a Escola-Parque 307-308 Sul (c. 1958) e o Centro de Educação Média “Elefante Branco” (c. 1959).

2. José de Souza Reis e a arquitetura moderna brasileira

José de Souza Reis (1909-1986) foi um dos primeiros colaboradores de Rodrigo Melo Franco de Andrade no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – o famoso “SPHAN”, órgão criado em 1937 por Gustavo Capanema, Ministro da Educação no governo de Getúlio Vargas. Amigo de Oscar Niemeyer¹, Reis, como este, começou sua vida profissional no escritório de Lucio Costa e Carlos Leão, sendo, portanto, diretamente ligado a corrente que se tornou hegemônica a partir de meados dos anos 40 no panorama da arquitetura brasileira – a “Escola Carioca”. Com obras modernas realizadas ainda nos anos 30, entre seus projetos podem ser citados:

- o 2º lugar, com Niemeyer e Jorge Moreira, no concurso para o Ministério da Fazenda (RJ, 1936);
- sua participação na equipe, chefiada por Lucio Costa, da Cidade Universitária da Quinta da Boa Vista (RJ, 1936);
- a Obra do Berço, com Niemeyer e Olavo Redig de Campos (RJ, 1937);
- obras pelo SPHAN como o Panteão dos Inconfidentes (1938-44) e a Igreja Metodista (anos 40) ambas em Ouro Preto;
- alguns trabalhos com Alcides Rocha Miranda, como os projetos para o Centro Educativo de Arte Teatral (Salvador, 1947) e o Instituto do Professor Primário (SP, 1953);
- e algumas obras em Brasília, a Escola Parque (c. 1958), o Colégio “Elefante Branco” (c. 1959) e o Observatório Meteorológico (c. 1961).

Apesar de seu círculo de amigos, de sua participação ativa nos “anos heróicos” do desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira, de sua atuação junto ao SPHAN e da realização de obras significativas, José de Souza Reis permanece um ilustre desconhecido, afora sua aparição esporádica em alguns livros e pesquisas recentes².

De qualquer forma, é interessante assinalar que a relação entre Reis e Anísio Teixeira se estabelece antes de Brasília, nos projetos realizados com Alcides Rocha Miranda citados anteriormente – o Centro Educativo de Arte Teatral (Salvador, 1947) e o

¹ Que escreveu seu necrológico no Jornal do Brasil do dia 18 de dezembro de 1986.

² ver CAVALCANTI 1995, GONÇALVES 2007, ROCHA 2007 e SERAPIÃO 2009.

Instituto do Professor Primário (SP, 1953). No primeiro caso, Reis e Rocha Miranda foram convidados por Diógenes Rebouças, então arquiteto-chefe do plano urbanístico de Salvador, sendo que o programa do Centro Educativo integrava o Projeto Educação pela Arte de Teixeira; no segundo, ao que parece, foram convidados diretamente pelo último.

3. Anísio Teixeira e a educação no Brasil

Seguidor do filósofo americano John Dewey – do qual havia sido aluno na Universidade de Columbia – e signatário do Manifesto da Educação Nova, até a elaboração do Plano de Construções Escolares de Brasília, Anísio Teixeira havia sido: diretor da instrução da Bahia, de 1924 a 1929; diretor da instrução do então Distrito Federal (Rio de Janeiro), de 1931 a 1935; conselheiro da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1946; secretário da educação e saúde da Bahia, de 1947 a 1951; secretário-geral da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), em 1951; e, no ano seguinte, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

Pelo menos dois desses momentos – referentes à sua passagem pelo Rio de Janeiro entre 31 e 35 e pela Bahia entre 47 e 51 – têm interesse especial para o entendimento de sua relação com a arquitetura escolar, sendo comentados na seção seguinte. Não obstante, dado o foco deste trabalho recair sobre obras de arquitetura brasilienses do final dos anos 50, será tomada como referência, principalmente, a atividade e a produção teórica de Teixeira: a) imediatamente anterior a experiência de Brasília – em parte reunida no livro *Educação não é Privilégio*, iniciado em 1953, mas somente publicado em 1957; e b) relacionada a essa mesma experiência – caso do *Plano de construções escolares para Brasília*, que, inclusive, aparecerá diluído na terceira parte do referido livro, a partir de sua segunda edição em 1968.

Nesse sentido, o período caracterizado pelo interlúdio democrático entre o fim da ditadura Vargas e o golpe militar de 64 pode ser entendido, segundo Nunes (2000), como um dos momentos decisivos em sua trajetória. Tendo assumindo a direção do INEP em 1952, o educador procurará empreender uma reforma no ensino do país, em meio às transformações da sociedade brasileira nos anos 50 e seu desejo de modernização e desenvolvimento. Ao assumir o órgão, Anísio Teixeira encontra-o esvaziado de suas funções de estudos e pesquisas e limitado a um papel de distribuição de verbas para escolas rurais, segundo interesses políticos. Diante deste quadro, no ano seguinte são lançadas duas campanhas: a Campanha de Lançamento de Inquéritos para o Ensino Médio e Elementar (CILEME) e a Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), voltada ao ensino médio. Além disso, eram organizados a partir de 1956, com apoio da UNESCO, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e suas versões regionais, os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE's), como forma de articular educadores e intelectuais ligados às universidades,

visando a melhoria dos problemas educacionais brasileiros; e implementar um amplo programa de profissionalização dos quadros da educação.

Dentro dessa estrutura Anísio Teixeira vai estabelecer uma luta feroz em defesa da escola primária pública brasileira. Através de convênios com as secretarias e departamentos de educação dos estados brasileiros, o INEP sob sua direção, oferecia-lhes auxílio financeiro sob o pretexto de orientação pedagógica. Também se propôs a equipar escolas de governos estaduais que pudessem oferecer seis anos de escolaridade primária. (...)

Com essas medidas... privilegiava o uso das verbas públicas para instituições públicas e buscava ampliar a influência da escola primária sobre o aluno³.

Na sua visão, o trabalhador comum seria formado na escola primária; o trabalhador qualificado, pela indústria e por cursos de continuação; o especialista de nível médio, nos cursos médios; e o especialista de nível alto, pela universidade. Nesse contexto, a educação primária pública era entendida por ele como a forma para resolver *os problemas da rígida estratificação social e dos graves desníveis econômicos da sociedade brasileira* e criar *a igualdade de oportunidades, que é a essência do regime democrático*⁴. Assim, ela seria responsável por dotar o brasileiro do mínimo fundamental de educação, não tendo como objetivo principal a preparação para estudos ulteriores, mas prover uma educação de base, voltada a habilitação nos trabalhos mais comuns. Por essa razão, defendia a formação em tempo integral em *uma escola sobretudo prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar em uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão*⁵. Enfim, uma escola organizada como miniatura da sociedade e, portanto, *essencialmente regional, enraizada no meio local, dirigida e servida por professores da região, identificada com seus mores, seus costumes*⁶.

Tal concepção estava associada ao julgamento que fazia em relação ao *arcaísmo da escola brasileira*: uma educação de “cultura geral”, baseada na “exposição oral” e na “reprodução verbal”, onde o ensino consiste em “aulas” *que os alunos “ouvem”, algumas vezes tomando notas, e “exames” em que se verifica o que sabem, por meio de provas escritas e orais. Marcam-se alguns “trabalhos” para casa e na casa se supõe que o aluno “estuda”*⁷.

Mas se sua preocupação central era o ensino primário, também em relação ao ensino médio sua ação modernizadora foi importante – como no caso da criação das Escolas Técnicas Secundárias, em sua passagem pela diretoria de instrução do Distrito Federal ainda nos anos 30. Para esse nível de ensino preconizava:

³ NUNES 2000, p. 19.

⁴ TEIXEIRA 1994, p. 162.

⁵ TEIXEIRA 1994, p. 63

⁶ TEIXEIRA 1994, p. 64

⁷ TEIXEIRA 1994, p. 46-47.

Acima ou à base de uma tal educação fundamental e comum, a mais importante sem dúvida das que irá proporcionar a nação a seus filhos, erguer-se-á o sistema de escolas médias, destinadas a continuar a cultura popular da escola primária e a iniciar a especialização nos trabalhos práticos e industriais ou nos trabalhos intelectuais ou teóricos, todos eles equivalentes cultural e socialmente⁸.

Teixeira, portanto, não estabelecia hierarquias diante das possibilidades variadas do ensino médio. Antes disso, admitia a necessidade quer do ensino de letras, de ciências ou de técnicas, que seriam uma escolha do aluno em função de suas características e interesses.

Suas ações, entretanto, desencadearam uma verdadeira guerra contra ele que culmina no Memorial do Bispos Gaúchos condenando a “revolução social através da escola”.

A polêmica só viria a aumentar com o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (1956-1964), que visava dois pontos fundamentais: o treinamento dos professores de escolas normais e a produção de material didático de apoio ao ensino em escolas primárias e normais de todo o país.

Nesse sentido, é possível sintetizar a atuação modernizadora de Anísio Teixeira na educação nacional através de algumas idéias centrais:

“descentralização administrativa e autonomia (da escola e de seus agentes); o reconhecimento do educando (pela percepção de que o processo educativo é, também, um processo individual); o conhecimento da cultura regional (que se insere na própria identidade da escola); e, a atenção para a fase de desenvolvimento em que se encontrava a cultura nacional”⁹.

Para além de outros aspectos antes discutidos ou mencionados, como a atribuição de dignidade intelectual para pensar a educação (articulação de educadores e pesquisadores ligados às universidades); a necessidade de conhecimento da realidade em que irá se atuar; a ênfase na formação de quadros e na elaboração de material didático, etc.

4. Anísio Teixeira e a arquitetura escolar

Segundo Anísio Teixeira:

A escola, com efeito, compreende inversão econômica do mais alto vulto... Em suas edificações, constitui um dos mais complexos conjuntos, neles incluindo-se os elementos da residência humana, dos serviços de alimentação e saúde, dos esportes e recreação, da biblioteca e museu, do teatro e auditório, oficinas e depósitos, sem falar no que lhes é privativo, ou sejam as salas de aula e os laboratórios. A arquitetura escolar, por isso mesmo, inclui todos os gêneros de arquitetura. É a escola, em verdade, um lugar para aprender, mas aprender envolve a experiência de viver, e deste modo todas as atividades da vida, desde as do trabalho até as de recreação e, muitas vezes, as da própria casa¹⁰.

⁸ TEIXEIRA 1994, p. 71.

⁹ XAVIER 2000, p. 45

¹⁰ Apud ROCHA 2011.

Percebe-se, assim, a importância que o pensador atribuía à arquitetura escolar, vendo o aprendizado na escola como manifestação de vida – o que se relaciona a idéia, citada anteriormente, da escola como miniatura da sociedade e, nesse sentido, eminentemente “prática”. Em sua visão, como manifestação de vida, a educação, portanto, além de universal, deveria prover a formação integral do indivíduo.

Quanto à educação para todos, isto é, a elementar, o seu característico... proposto, é o de juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a auto-educação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudo e as de trabalho, de arte e de convivência social¹¹.

Embora o comentário anterior diga respeito ao *Plano de construções escolares para Brasília*, já como Diretor da Instrução do Distrito Federal no Rio de Janeiro em 1931-35, Anísio Teixeira importava de Detroit o modelo da escola *platoon*, construindo um conjunto de escolas desse tipo, projetadas pelo arquiteto Eneas Silva. Nestas escolas, que variavam entre 12, 16 e 25 salas de aula, a cada sala correspondiam 40 alunos no turno da manhã e 40 no turno da tarde. No respectivo turno oposto, cada turma tinha atividades especiais: esportes, música, artes, trabalhos manuais, etc. De acordo com Rocha (2011), são escolas que ainda hoje, mesmo reformadas ou sem seu uso original, estão em pleno funcionamento. Como Teixeira afirmará anos depois:

A arquitetura escolar deve assim combinar aspectos da “escola tradicional” com os da “oficina”, do “clube” de esportes e de recreio, da “casa”, do “comércio”, do “restaurante”, do “teatro”, compreendendo, talvez, o programa mais complexo e mais diversificado de todas as arquiteturas especiais¹².

Esta experiência, transformada, é levada para a Bahia entre 1947-51, em sua atuação como secretário da educação e saúde do estado onde

põe em prática, até o final do mandato, em 1951, um ambicioso plano que se inicia com a construção de escolas para as zonas de população dispersa e prédios escolares no interior do Estado: para a educação primária, para a educação secundária e para a formação de professores, os últimos projetados para as sedes das dez zonas estabelecidas com a finalidade de descentralizar a educação no Estado¹³.

Nesta ocasião, para a educação primária em Salvador, o sistema *platoon* é transformado no par *escolas-classe/ escola-parque*. Nas primeiras, a educação formal; na segunda, oficinas, esportes, artes, etc.: *a idéia desses conjuntos era a de cobrir a totalidade da Capital, sendo a localização de cada um deles estabelecida em consonância com o planejamento urbano, através do qual se previa a expansão populacional e geográfica do município de Salvador*¹⁴. Entretanto, apenas um conjunto escolas-classe/ escola-

¹¹ TEIXEIRA 1960, p. 2.

¹² TEIXEIRA 1960, p. 2.

¹³ ROCHA 2011.

¹⁴ ROCHA 2011.

parque foi construído na capital baiana, o Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, localizado no bairro da Liberdade, projetado por Diógenes Rebouças.

Composto por 4 “escolas-classe” e uma “escola-parque”, essa obra deu destaque internacional a Anísio Teixeira, não só pela arquitetura e pela construção, mas pelo trabalho pedagógico lá desenvolvido, sob o patrocínio do INEP, dentro da linha de seus Centros Regionais de Pesquisa em Educação, de produzir conhecimentos a respeito de todos os complexos e interligados problemas associados à educação, em cada realidade regional específica. Um desses estudos, por sinal, que avaliou o custo-aluno no Centro Carneiro Ribeiro, revelou que seu valor era mais baixo do que o custo de um aluno de jardim infantil nas escolas particulares de Salvador, naquela época¹⁵.

É esta última proposta, escolas-classe/ escola-parque, que será levada para Brasília.

4.1. Anísio Teixeira e a arquitetura escolar em Brasília

Em 1957, Anísio Teixeira, ainda no exercício do cargo de diretor do INEP, foi incumbido da elaboração do plano educacional de Brasília, retomando, como dito antes, a proposta escolas-classe/ escola-parque tal como implantada em Salvador. Nesse momento, propõe então sua generalização para o sistema educacional da nova capital. O Plano de Construções Escolares de Brasília foi assim submetido ao ministro da educação, Clóvis Salgado, que o encaminhou à Comissão Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) para execução¹⁶.

Segundo Teixeira: *o plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital do país oferecer à nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do país. Indo desde o primário até o nível superior o plano consiste... num conjunto de edifícios, com funções diversas e considerável variedade de formas e de objetivos, a fim de atender a necessidades específicas de ensino e educação e, além disso, à necessidade de vida e convívio social*¹⁷.

Estavam previstos Centros de Educação Elementar, compostos por pavilhões de jardins de infância (crianças de 4 a 6 anos), de escolas-classe (menores de 7 a 14 anos) e de escola-parque, formando algo como uma “universidade infantil”; Centros de Educação Média, também com programa diversificado; e a Universidade de Brasília.

Os Centros de Educação Elementar relacionam-se tanto com as concepções de Anísio Teixeira para o ensino e a arquitetura escolar quanto com o projeto de Lucio Costa para a capital, através do conceito de unidade de vizinhança. Nesse sentido, cada superquadra, com uma população entre 2500/ 3000 pessoas, possuiria uma escola-classe (480 alunos em dois turnos) e um jardim de infância (160 crianças em dois turnos). O

¹⁵ ROCHA 2011.

¹⁶ PEREIRA/ ROCHA 2011.

¹⁷ TEIXEIRA 1960, p. 2.

conjunto de quatro superquadras, a unidade de vizinhança, além do comércio e serviços complementares localizados na entrequadra possuiria uma escola-parque (2000 alunos em dois turnos). As quatro escolas-classe somadas aos quatro jardins de infância e a escola-parque constituiriam um Centro de Educação Elementar. Cada escola-parque, portanto, atenderia, conseqüentemente, quatro superquadras, sendo um dos elementos do *core* da unidade de vizinhança.

5. A Escola-Parque 307-308 Sul

Localizada no interstício entre a Superquadra Sul (SQS) 307 e a SQS 308, a Escola-Parque 307/308 Sul (c. 1958) fica logo acima de uma entrequadra comercial e próxima a Capela Nossa Senhora de Fátima, a famosa “igrejinha” de Niemeyer. A unidade de vizinhança a qual pertence, formada pelas superquadras 107, 108, 307, 308 sul, foi uma das primeiras a ser construída, funcionando como modelo para as demais¹⁸.

O conjunto implanta-se em terreno de 80 x 160m. São três blocos – principal, auditório e oficinas – complementados por piscinas e quadras de esporte. O bloco das oficinas – um prisma retangular com fachada formada por elementos vazados – afasta-se dos outros dois, situando-se na faixa oposta do terreno, próximo a avenida W3 Sul. No projeto original o bloco principal seria conectado à “caixa” do auditório provavelmente por laje¹⁹ – atualmente a ligação é feita por um toldo – que daria acesso a um foyer avarandado. Sua – do auditório – importância na vida cultural dos primeiros anos de Brasília merece nota.

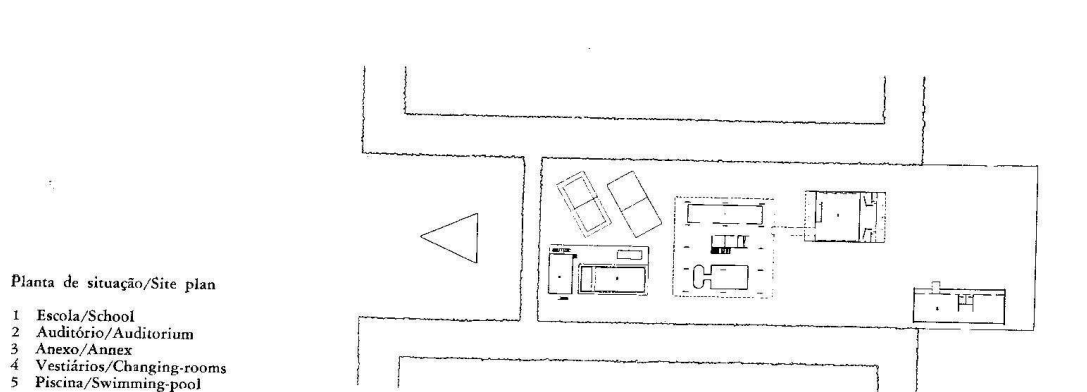


Fig. 1: implantação da Escola-Parque 307/308 Sul (Fonte: Reis, 1960; p. 5).

O destaque do complexo fica por conta do bloco principal, um “quadrado” de 50 x 50m com dois pavimentos. No primeiro piso – planta livre parcialmente ocupada, com

¹⁸ Na realidade, como a escola-classe da SQS 307 não foi construída ela foi substituída pela SQS 106.

¹⁹ A capa da revista Módulo n. 20, que traz foto da obra, parece confirmar isto.

núcleo de circulação vertical e apoio no centro – estariam, entre outros espaços, administração e refeitório. No piso superior – planta livre com núcleo de circulação vertical e apoio no centro – biblioteca, museu, filмотeca, discoteca, etc., distribuídos em arranjos que poderiam ser modificados com o deslocamento e ou modificação das divisórias internas.

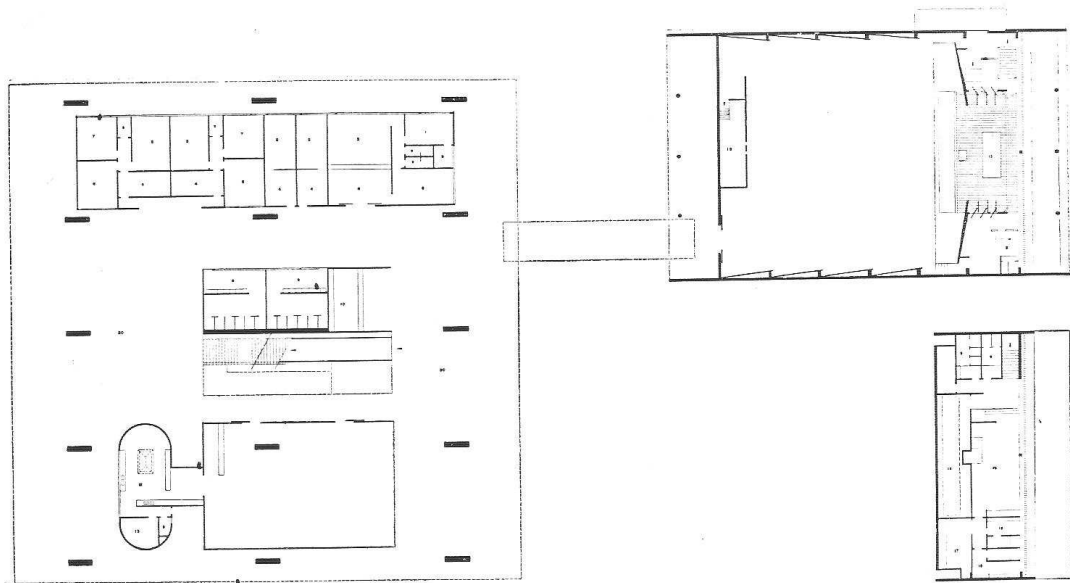


Fig. 2: planta do térreo do bloco principal e do auditório da Escola-Parque 307/308 Sul
(Fonte: Reis, 1960; p. 6).

Formalmente, o bloco principal é prisma elevado sobre pilotis em “V”. O perfil das lajes de teto do térreo forma triângulos acompanhando o “V” dos pilares nas laterais. A marcação vertical e regular das fachadas, no pavimento superior, intercala o vidro nas extremidades e elementos vazados ao centro. Nas laterais essa marcação é reforçada pela presença de tubos de queda. O prisma, entretanto, é decomposto pelo jogo das lajes e planos de vedação.



Fig. 3: bloco principal da Escola-Parque 307/308 Sul (Foto: autor).



Fig. 4: detalhe do bloco principal da Escola-Parque 307/308 Sul (Foto: autor).



Fig. 5: interior do bloco principal da Escola-Parque 307/308 Sul (Foto: autor).

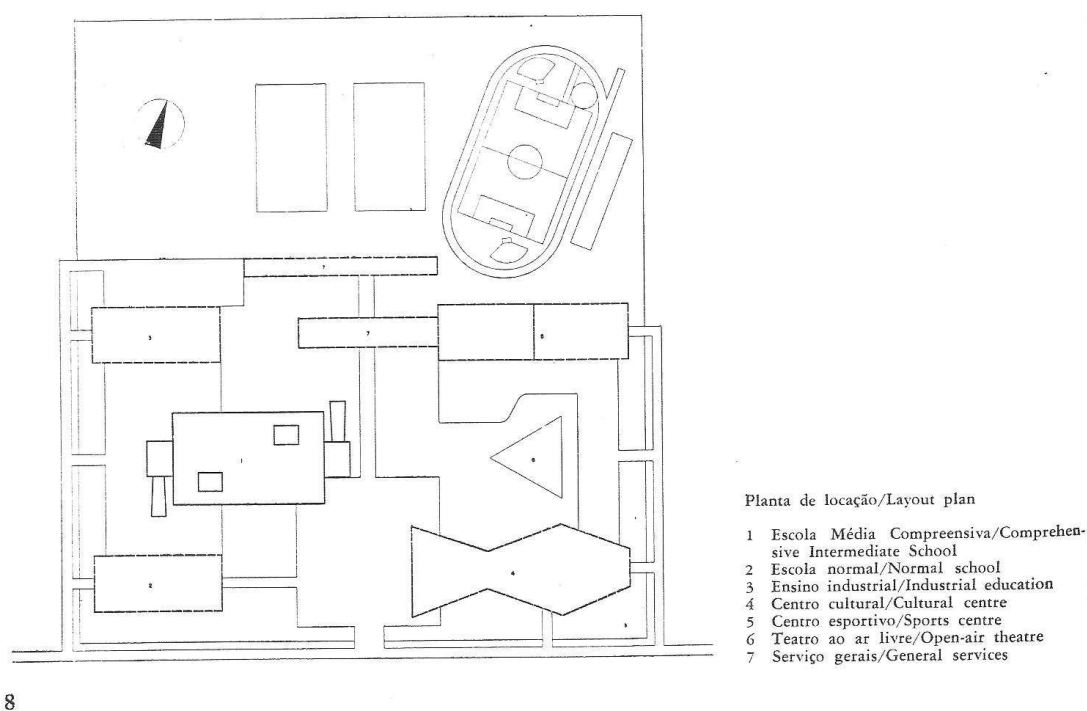
Os espaços primam pela relação com o exterior – térreo semi-desimpedido, planos de vidro no pavimento superior – mas há uma curiosa indiferença em relação à orientação, sem a presença de brises. Internamente, chamam a atenção os sheds de iluminação.

6. O Centro de Educação Média “Elefante Branco”

O Centro de Educação Média “Elefante Branco” (c. 1959) localiza-se no Setor de Grandes Áreas Sul (SGAS) 908. Em seu programa constava:

- centro cultural, teatro e exposições;
- biblioteca e museus;
- centro de serviços gerais;
- escola média compreensiva, incluindo, ginásio e colégio, escola comercial, técnico-industrial, curso normal ou pedagógico e escola agrícola;
- centro de educação física e esportes.

O terreno possuía 400 x 400m. O partido previa *seis blocos construtivos grupados longitudinalmente em torno de uma praça central que dá acesso ao [conjunto]; com diversificação de aspectos dentro da unidade geral, por meio do emprego de tipos estruturais diferentes, de conformidade com as características próprias dos vários edifícios e decorrentes das respectivas destinações*²⁰. Os seis blocos correspondiam a um bloco para a escola média compreensiva, outro para a escola técnico-industrial, outro para a escola normal, além de um centro cultural, um centro esportivo e um pavilhão de serviços gerais.



8

Fig. 6: implantação do Centro de Educação Média “Elefante Branco” (Fonte: Reis, 1960; p. 8).

Nos centros cultural e esportivo, a estrutura lembraria a da Escola-Parque 307-308 Sul: um jogo entre pilares em “V” e lajes triangulares, desta vez formando coberturas – irregular no centro cultural, regular no centro esportivo – sob as quais o programa era resolvido. Quanto aos blocos escolares, seriam plantas moduladas cobertas com sheds, semelhantes aos utilizados naquela mesma escola.

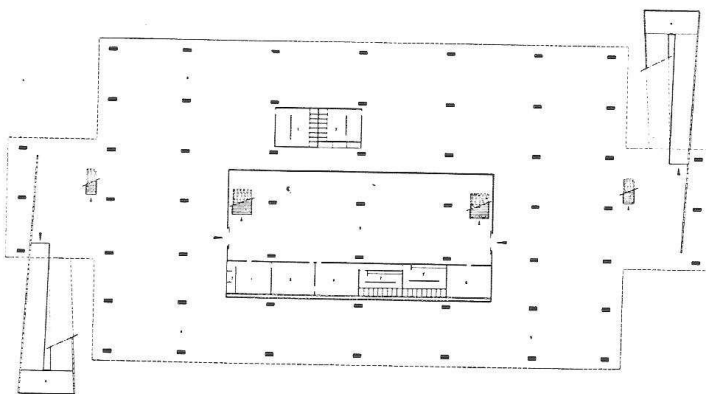
Do conjunto apenas a escola média compreensiva foi construída. Trata-se de prisma elevado sobre pilares em “V” com duas rampas cobertas anexas (há ainda escadas

²⁰ REIS 1960, p. 9.

dentro do perímetro do prisma). O térreo é semi-desimpedido, conformando um recreio coberto, e o piso superior conta com setenta unidades de 7 x 9m para salas classe, salas especiais, laboratórios, salas de trabalhos manuais, etc., sendo que a subdivisão do módulo de 7 x 9m dá lugar a salas de professores, gabinetes, etc. A distribuição geral original, ainda no pavimento superior, previa quatro galerias de circulação para oito alas de compartimentos, dois blocos de instalações sanitárias e dois pátios (estes com quatro módulos de 7 x 9m cada um).

Pavimento térreo/Ground floor

- 1 Diretoria/Management
- 2 Secretaria/Secretariat
- 3 Hall/Hall
- 4 Rampas/Ramps
- 5 Professores/Teaching staff
- 6 Depósito/Storage
- 7 Sanitários/Laboratories
- 8 Recreio coberto/Recreation under cover



Pavimento superior/Upper story

- 1 Unidade padrão (7 x 9 m.) que pode ser: sala de classe, laboratório, sala de trabalhos manuais, etc./Standard unit (23 x 26 1/4 ft.) that may be used as a classroom, laboratory, handicraft workshop, etc.
- 2 Pátio/Courtyard
- 3 Hall/Hall
- 4 Rampa/Ramp
- 5 Portaria/Porter's office
- 6 Galeria/Gallery
- 7 Sanitários/Lavatories

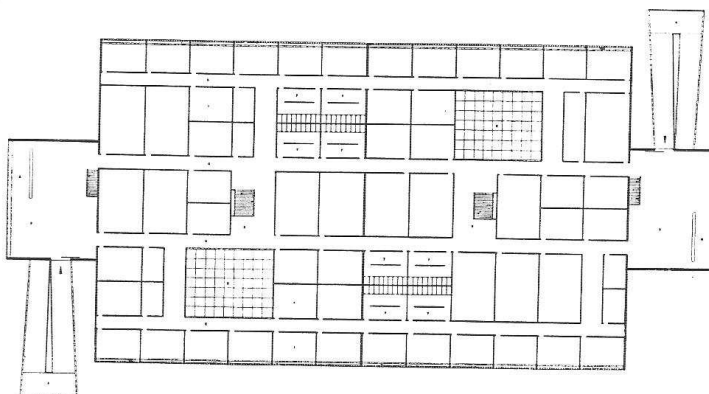


Fig. 7: plantas da escola média compreensiva do Centro de Educação Média “Elefante Branco” (Fonte: Reis, 1960; p. 13).



Fig. 8: escola média compreensiva do Centro de Educação Média “Elefante Branco”
(Foto: autor).

Ao contrário da Escola-Parque 307-308 Sul o prisma não é decomposto, mas “composto” pelos dois volumes anexos das rampas. A fachada principal é formada por elementos vazados em toda sua extensão. Como demonstra o nome pelo qual é conhecido, “Elefante Branco”, a escala do volume é um tanto exagerada. Internamente, apesar dos dois pátios de desafogo, parece conformar um espaço um tanto labiríntico. Vale a pena mencionar o fato de que seu estado de conservação é bastante inferior ao da Escola-Parque 307-308 Sul.

7. Considerações finais

Tanto a Escola-Parque 307-308 Sul quanto o Centro de Educação Média “Elefante Branco” são materializações das propostas de ensino de Anísio Teixeira, visando transformações no ambiente escolar, segundo a idéia de uma formação integral do indivíduo. Como foi mostrado, as escolas combinariam em dois turnos as aulas formais com um conjunto de atividades especiais que incluiriam esportes, música, teatro, artes,

artesanato, convívio etc. reproduzindo, assim, as atividades em sociedade dentro do ambiente da escola.

Pode-se bem compreender que modificações deverão ser introduzidas na arquitetura escolar para atender a programa dessa natureza. Já não se trata de escolas e salas de aula, mas de todo um conjunto de locais, em que as crianças se distribuem, entregues às atividades de “estudo”, de “trabalho”, de “recreação”, de “reunião”, de “administração”, de “decisão” e de vida no mais amplo sentido desse termo²¹.

Contudo, as proposições do educador foram em parte alteradas. Sem mencionar o fato de que o Centro de Educação Média “Elefante Branco” ficou incompleto, o funcionamento atual das escolas-parque de Brasília está em absoluto desacordo com aquilo que preconizava:

Das vinte e oito escolas parque, previstas inicialmente, apenas cinco foram construídas, e atendem, atualmente, a quase totalidade do universo das escolas públicas do Plano Piloto, onde estão matriculados tanto alunos residentes no Plano Piloto como nas cidades satélites. Cada uma dessas escolas recebe, em média, alunos de sete escolas classe, uma ou duas vezes por semana²².

Como no caso do Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro em Salvador, os pequenos conjuntos residenciais para menores sem família, também não foram construídos em Brasília.

Quanto aos prédios de José de Souza Reis, a Escola-Parque 307-308 Sul parece melhor resolvida que o “Elefante Branco”. Certo, o último não foi completado, mas mesmo se o tivesse sido, pelo que se pode deduzir dos desenhos sobre o conjunto publicados, parece haver uma dificuldade na manipulação da escala – se bem que isso pode se entendido quase como uma regra geral para uma parte considerável dos conjuntos de edifícios modernistas com características semelhantes, campi universitários, por exemplo.

Já em relação à contribuição do arquiteto para a arquitetura moderna brasileira, é curioso perceber como as obras aqui analisadas possuem características normalmente associadas à “Escola Carioca” – divisão das funções do programa em volumes diferenciados, integração exterior/ interior, uso de pilotis e elementos vazados; com outras comuns à “Escola Paulista” – planta condensada ao máximo, prisma elevado, destaque dado a estrutura/ pilares, vãos generosos, iluminação zenital.

Talvez fosse a hora de reunir os vários estudos sobre arquitetura “escolar” moderna – incluindo aí os campi universitários – em obra que alinhavasse as continuidades e diferenças em obras e arquitetos, como forma de montar um panorama mais completo de como o tema foi tratado pelos modernos e de quais as eventuais contribuições que suas propostas podem proporcionar ao debate contemporâneo²³.

²¹ TEIXEIRA 1960, p. 2.

²² PEREIRA/ ROCHA 2011.

²³ Um passo nessa direção aparece em BASTOS 2009.

5. Referências

BASTOS, Maria A. A escola-parque: ou o sonho de uma educação completa (em edifícios modernos). **AU**, n. 178, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/178/artigo122877-1.asp>> Acesso em: 01 mai. 2011.

CASSIM, Marisa. Apresentação. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994.

CAVALCANTI, Lauro. **As preocupações do belo**. Rio de Janeiro: Taurus, 1995.

GONÇALVES, Cristiane S. **Restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975**. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2007.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1986.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a luta pela escola primária pública no país. In PÔRTO JR, Gilson; CUNHA, José (orgs.). **Anísio Teixeira e a Escola Pública**. Pelotas: UFPEL, 2000.

PEREIRA, Eva; ROCHA, Lúcia. Escola parque de Brasília: uma experiência de educação integral. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/457EvaWaisros_LuciaRocha.pdf> Acesso em: 01 mai. 2011.

REIS, José. Construções Escolares em Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 20, p. 4-15, out. 1960.

ROCHA, João A. **As inovações de Anísio Teixeira na arquitetura e construção escolar: os casos da Bahia e do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livro6/inovacoes_at.html> Acesso em: 24 fev. 2011.

ROCHA, Ricardo. José de Souza Reis e o Sphan: da inconfidência à glória. **Anais do 7º Seminário do Docomomo Brasil**. Porto Alegre: 2007.

SERAPIÃO, Fernando. Reis e o dois de espadas. **Projeto Design**, n. 352, p. 102-105, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/artigos/jose-de-souza-reis-conheca-a-27-08-2009.html>> Acesso em: 25 fev. 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de Construções Escolares de Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 20, p. 2-3, out. 1960.

_____. **Educação não é Privilégio**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994.

XAVIER, Libânia. Reformar a escola, modernizar a cultura: Anísio Teixeira e a Educação Republicana. In PÔRTO JR, Gilson; CUNHA, José (orgs.). **Anísio Teixeira e a Escola Pública**. Pelotas: UFPEL, 2000.